

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

IDENTIFICAÇÃO: Wilson Junior Weschenfelder

DISCIPLINA: Organização do Espaço e Territorialidades

PROFESSORA: Dr^a. Virgínia Elisabeta Etges

RESENHA

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Editora Loyola. 1992.

Segundo o autor, a economia política do capitalismo se organizou na produção em função dos lucros que, no período pós-guerra de 1945 a 1973, baseou-se num “conjunto de práticas de consumo do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico”, chamado de fordista-keynesiano.

Harvey destaca que o fordismo deu aos trabalhadores renda e tempo para que consumissem os produtos produzidos em massa, mas também nem todos eram atingidos por estes benefícios, sempre havendo sinais de insatisfação pelo sistema.

Com o tempo, essas oscilações e incertezas começaram a tomar forma, surgindo uma série de novas experiências na organização industrial, social e política onde ocorre o confronto da rigidez do fordismo.

Esta transição, chamada pelo autor de acumulação flexível, se “apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados, produtos e padrões de consumo”, valorizando os empreendimentos inovadores e estimulando as decisões rápidas, eficientes e fundamentadas. Assim, o conhecimento técnico e científico tornou-se mercadorias a serem produzidas e vendidas, como

também o controle do fluxo de informações e dos veículos de marketing, gerando um mundo altamente competitivo.

A partir de 1970, o autor cita que os hábitos e as atitudes culturais e políticas se modificaram, criando condições para a transição do fordismo para acumulação flexível.

Mesmo que não seja suficiente, o individualismo exacerbado aumentou a competição, gerando redistribuição da renda e, posteriormente, o aumento na produção informal, a organização dos mercados de trabalho, de pesquisa e desenvolvimento e outros.

A transição do fordismo para a acumulação flexível, conforme Harvey, se depara com uma série de dilemas teóricos. O único consenso “é que alguma coisa significativa mudou o modo de funcionamento do capitalismo a partir de mais ou menos 1970”. Para caracterizar esta transição, muitos autores como Halal, Lash e Urry e Swyngedown, citados pelo autor, “acentuam mais a desintegração do que a coerência do capitalismo contemporâneo”.

Visto que a acumulação é uma forma de capitalismo, o autor descreve três características essenciais do modo capitalista de produção, sendo: 1) o capitalismo é orientado para o crescimento, pouco se importando com as conseqüências sociais, políticas, geopolíticas ou ecológicas; 2) o crescimento se apóia na exploração do trabalho se baseando na diferença entre o que o trabalho obtém e aquilo que cria; 3) o capitalismo é tecnológica e organizacionalmente dinâmico, tornando crucial para a perpetuação do capitalismo.

Propensa a crises, a dinâmica capitalista, segundo Marx, se mostrava inconsistente e contraditória e que a ordem social, em conseqüência da superacumulação, se transformaria num caos.

Com uma superficial mudança no capitalismo a partir de 1973, Piore e Sabel (1984), citados por Harvey, defenderam que as “novas tecnologias

abrem a possibilidade de uma reconstituição das relações de trabalho e dos sistemas de produção”, sendo também, “a oportunidade perdida da metade do século passado”. Mas o que parece, conforme o autor, é o florescimento e a transformação extraordinária dos mercados financeiros, onde, “a crise do fordismo foi, em larga medida, uma crise da forma temporal e espacial”.

A obra de David Harvey relata a transição de modo fordista para a acumulação flexível. Traz muita informação para entender como ocorreu este processo e suas conseqüências. O autor apresenta, também, diversas faces desta transição, citando diversos autores das áreas de economia e geografia e que tratam deste tema com técnica e capacidade de compreensão do espaço-tempo.